

O EFEITO DA PANDEMIA COVID-19 NA FILOSOFIA ACADÊMICA*THE EFFECT OF THE COVID-19 PANDEMIC ON ACADEMIC PHILOSOPHY***Bjarne Melkevik¹**

RESUMO: O artigo investiga como a pandemia da Covid-19 afetou a filosofia acadêmica. Destaca que filósofos não foram poupados pelo vírus, com vários falecimentos ocorrendo. A questão central é como os filósofos reagiram ao desastre de saúde e ao isolamento profilático causados pela pandemia.

Palavras-chave: pandemia; filosofia; saúde; COVID.

ABSTRACT: The article investigates how the Covid-19 pandemic has affected academic philosophy. It highlights that philosophers were not spared by the virus, with several deaths occurring. The central question is how philosophers reacted to the health disaster and prophylactic isolation caused by the pandemic.

Key-words: pandemic; philosophy; health; COVID.

Sumário: 1. INTRODUÇÃO; 2. O QUE PRECISA SER ENTENDIDO É A IMPORTÂNCIA DA SOLIDARIEDADE, DA AJUDA MÚTUA...; 3. O QUE FAZER ENTÃO? FUGIR!; 4. BRUNO LATOUR NÃO É O ÚNICO A SONHAR COM O TOTALITARISMO VERDE; 5. MICHEL HOUELLEBECQ E SCHOPENHAUER; 6. CONCLUSÃO; 7. REFERÊNCIAS

1. INTRODUÇÃO

Qual foi o efeito da pandemia da Covid-19 na filosofia acadêmica? Os filósofos não foram poupados pelo vírus Covid-19. Vários deles morreram. Mas como é que os filósofos reagiram ao desastre de saúde e isolamento profilático causado pela Covid-19? A filosofia acadêmica foi influenciada, "afetada" pelo vírus Covid-19, e como? O que nos dizem os filósofos sobre a pandemia e o período pós-Covid-19? Sem qualquer pretensão de completude, um requisito racionalmente impossível, apresentemos algumas reflexões críticas.

Se Jürgen Habermas é hoje o maior filósofo vivo, comecemos pela sua reação, como consta numa entrevista no jornal da elite cultural parisiense, o *Libération*, a 1 de fevereiro de 2021, intitulada "*A pandemia testa o nosso grau de civismo*". É uma mensagem a favor

¹ Professor Titular da Université Laval (Canadá); e-mail: bjarne.melkevik@fd.ulaval.ca

da importância do espírito cívico que Habermas envia a todos. Habermas irá atestar que, por muito que não tenha experiência em medicina, epidemiologia, imunologia e afins, os escritores que trabalham nas ciências sociais e culturais fazem melhor para confessar a sua ignorância, para se absterem de fazer previsões imprudentes e envolver-se em fantasias literárias. Nunca houve tanto conhecimento científico sobre a nossa ignorância e sobre agir e viver na incerteza, segundo Jürgen Habermas.

“La pandémie ne met pas à l’épreuve nos systèmes démocratiques, mais, jour après jour, la rationalité, la capacité d’action de nos gouvernements et le soin qu’ils apportent à respecter les règles de l’État de droit. Mais elle met tout autant à l’épreuve le degré de civisme et de civilité des populations. Car nos bonnes chances de venir à bout de ce défi dépendent dans une grande mesure de la solidarité, du discernement et de la discipline des citoyens — c’est-à-dire de la bonne disposition de chacun à accepter, par considération pour autrui et pour soi-même, un certain nombre de restrictions et, dans nombre de professions, des risques à titre personnel.”

“La critique commence par l’autocritique. Pour prendre mon exemple, je suis un homme âgé et j’appartiens, certes, aux groupes dits à risque, mais je fais aussi partie, à un tout autre égard, des privilégiés et de ceux qui sont plutôt épargnés par les difficultés. La pandémie remet en cause nos catalogues de droits fondamentaux, nous confrontant à de l’inconnu, elle suppose nécessairement des processus d’apprentissage. Elle oblige ainsi à les interpréter. La valeur du droit fondamental à la vie est soulignée en relation avec d’autres droits fondamentaux, et cela peut être instructif” (HABERMAS, 2021)

2. O QUE PRECISA SER ENTENDIDO É A IMPORTÂNCIA DA SOLIDARIEDADE, DA AJUDA MÚTUA...

É a importância da solidariedade, da ajuda mútua, da fraternidade, da irmandade, a importância de cada um de nós entender que o outro conta tanto como nós, que o espaço público ("nós") precisa confiar na ciência médica, na razão e na lógica, na abertura de espírito e nas discussões democráticas. Trata-se de partirmos resolutamente de costas voltadas a todo o pessimismo, ao derrotismo, ao catastrofismo, que não têm qualquer efeito senão congelar as ações racionais.

O nosso mundo e a nossa forma de viver, no entanto, está longe de ser inteiramente resumido na ciência, na lógica e na racionalidade. As nossas vidas referem-se tanto a um mundo complexo, constituído por situações de insegurança existencial, agravadas pela recente pandemia. É uma insegurança existencial que é nutrida, aumentada e diversificada

por uma pluralidade de vetores presentes na nossa era Covid-19. Em primeiro lugar, os vetores ligados aos colapsos económicos, sociais, culturais e inter-individuais, que a qualquer momento correm o risco de piorar, e quebrar, fraturar, destruírem, negativamente a vida de cada um. Daí também o fato de a gestão política dos riscos e perigos da pandemia, pelo seu carácter necessariamente empírico e sujeito à lógica de "tentar e avaliar", arrisca a qualquer momento afundar, naufragar-se em mal-entendidos e cinismo de uma população desiludida. Daí o aviso de Jürgen Habermas, insistindo na necessidade de criar um muro cívico contra as fake news, as notícias falsas, as informações falaciosas, para se manter firme contra os não-cívicos anti-solidariedade, contra todas as formas de anti-socialidade, antipolítica e do antidemocratismo, que condena sem compromisso, colocando-o em perspectiva com certos outros acontecimentos recentes.

“Ce nouveau type de mouvements protestataires, réunissant des adeptes de l'autoritarisme et des conspirationnistes de tous poils, des hooligans et des gens de la droite radicale prêts à recourir à la violence, est à mes yeux le phénomène véritablement inquiétant. Ce n'est pas la politique sanitaire étatique qui a généré ce potentiel de violence même si celui-ci connaît une pleine visibilité depuis la pandémie. Dès l'année 2017, la mouvance QAnon se faisait déjà entendre, et bruyamment. De façon tout à fait grotesque, ses partisans s'érigent en défenseurs des droits et de la liberté. À première vue, le mélange d'éléments autoritaires et d'éléments libertariens-égocentriques ne cadre en rien avec le schéma classique de l'antagonisme gauche-droite. Le fait que ces personnes à l'évidence avides de provocations et se mettant volontiers en scène aient largement participé le 6 janvier dernier, lors de l'assaut du Capitole, à Washington, doit nous faire réfléchir — bien que le trumpisme, aux États-Unis, ait naturellement de tout autres racines. Je crains que ce type de protestations, et pour lequel à ma connaissance aucune explication convaincante n'a été jusqu'à présent apportée, ne soit pas un phénomène éphémère, mais le signe qu'aux actuelles apories sociales répondent un nouveau profil psychologique — qui n'a pas encore été saisi avec justesse. Ce n'est pas la psychologie sociale du conspirationnisme qui est le problème fondamental, mais la question suivante: quelles sont les causes qui génèrent un tel mélange de phénomènes faisant à ce point contraste?”²

É uma condenação em que Habermas associa a anti-socialidade ao irracionalismo político da nossa contemporaneidade, um irracionalismo político englobado por uma

² Jürgen Habermas, “La pandémie met à l'épreuve notre degré de civisme” (A pandemia põe à prova o nosso grau de civismo), Paris, Libération, 1 de fevereiro de 2021.

rejeição profundamente autoritária e ilógica da ciência, da democracia e dos desafios da verdadeira intersubjetividade política. Este é um sinal preocupante, mostrando que uma parte da população tem de se livrar de qualquer ligação co-social, um diagnóstico de um câncer no coração da nossa contemporaneidade, um regresso reacionário ao imaginário e alternativismo, a um pós-modernismo onde o indivíduo se demitiu, renunciar *ao outro*, tanto quanto a razão, para melhor apreciar – como Nero fez uma vez – o mundo em chamas e o espetáculo.

O filósofo italiano Giorgio Agamben encarna teatralmente e com uma resignação tão variada como um Nero e especialmente uma resignação estética e psicológica face à pandemia da Covid-19. Para ele, de facto, "a casa" – vamos compreender a ciência, a racionalidade, a política, a democracia e *o tutti quanti* – foi incendiado pela Covid-19. Num artigo de arquitetura pessimista, derrotista, desencorajador e antirracional, "*Quando la casa brucia / Quando a casa está a arder*", de 5 de outubro de 2020, lamenta perante uma catástrofe sem saída e sem esperança, onde é melhor estar noutra lugar para não ver nada.

“Nada do que faço faz sentido se a casa estiver a arder. No entanto, mesmo quando a casa está em chamas, é necessário continuar como antes, para fazer tudo com cuidado e precisão, talvez até mais do que antes, mesmo que ninguém note. Talvez a própria vida desapareça da superfície da Terra, talvez não haja memória do que foi feito, para o bem e para o mal. Mas continua como antes, é demasiado tarde para mudar, não há mais tempo.”

“O que está a acontecer à tua volta já não é da tua conta. Como a geografia de um país que tens de deixar para sempre. Mesmo assim, como é que ainda te afeta? Precisamente agora que já não é da tua conta, agora que tudo parece ter acabado, que tudo e cada lugar aparecem agora na tua verdadeira aparência, todos nos tocam ainda mais intimamente, como são: esplendor e pobreza.”

“Qual casa está em chamas? O país onde vives, ou a Europa, ou o mundo inteiro? Talvez casas e cidades já tenham ardido num enorme incêndio - quem sabe há quanto tempo - que fingimos não reparar. Da maioria deles, apenas seções de paredes, um fresco, uma seção de telhado, nomes, tantos nomes já comidos pelas chamas permanecem. No entanto, cobrimo-lo cuidadosamente com lima e palavras falsificadas, para que pareça intacta. Vivemos em casas e cidades cremadas de uma ponta à outra como se ainda estivessem de pé; as pessoas fingem viver lá e andam mascaradas pelas ruínas como se ainda estivessem nos bairros familiares de uma era passada.

Hoje, a chama mudou de forma e natureza, tornou-se digital, invisível e fria, mas é precisamente por isso que está ainda mais perto e nos rodeia a cada momento” (AGAMBEN, 2020)

Não há esperança, nenhuma saída humana e racional da nossa pandemia Covid-19? Se nós não somos nada além de ovelhas pobres olhando para "a casa" em chamas, que decidem que não vale a pena intervir, que não vale a pena ajudar os indivíduos que estão lá, e que a melhor coisa a fazer é, como Nero, cantar em frente ao fogo sem agir, sem reagir, reunidos em um paralisado atordoamento?

Para acreditar em Giorgio Agamben, era melhor abandonar a casa ao fogo, deixar as chamas consumirem o que lá está e como um anestésico pós-moderno contemplar tudo isto como uma nova pintura que fascina, encanta, deslumbra. É acreditar que a verdade está nas chamas, que as cinzas são o nosso destino! Daí a conclusão de Agamben, nomeadamente que é melhor salvar-se, melhor virar as costas, é melhor correr para se esconder, para que o fogo consuma tudo, exceto este "eu" estético que, como Nero, uma vez canta com a sua lira a ver Roma arder em chamas. Ele assume esta posição:

"Hoje, a humanidade está desaparecendo, como um rosto desenhado na areia e varrido pelas ondas. Mas o que toma o seu lugar não tem mais pessoas; é apenas uma vida nua e silenciosa sem história, à mercê dos cálculos do poder e da ciência. Talvez, no entanto, seja apenas a partir deste naufrágio que algo mais possa aparecer, seja lenta ou abruptamente - certamente não um deus, mas não outro homem também - um novo animal, talvez, uma alma que viva de forma diferente..." (AGAMBEN, 2020)

3. O QUE FAZER ENTÃO? FUGIR!

O que fazer então? Fugam! Fugindo para se esconder da pandemia! Deixem morrer aqueles que devem morrer, deixem viver o "eu" que deve viver!

Num mimetismo singular, Giorgio Agamben realmente acredita que devemos nos comportar como na Idade Média (durante o tempo da Peste Negra), continuar a viver como se não houvesse perigo, ou fugir, fugir das cidades pestíferas. Parte da população da França já o fez, é referido que um milhão de parisienses (2020 - 2021) aproveitaram a Covid-19 para deixar a sua cidade e juntar-se às suas segundas casas no campo, nas montanhas e junto ao mar. Viver melhor, viver como se nada tivesse acontecido, convencer-se de que estava tudo bem, que tudo é bom que acaba bem! Não adotamos o símbolo do arco-íris como símbolo secular da nossa era Covid-19 e para mostrar a nossa esperança; esquecendo

oportunamente que é o símbolo por excelência, de acordo com a Bíblia, da aliança entre Deus e os homens, a união sagrada do Céu e da Terra?

O que podemos aprender com as exorbitações de Giorgio Agamben? Que não há nada para vencer! Deixe a ignorância se transformar em insignificância aqui! Com a exceção de concordar em morrer em êxtase (no fogo), o pensamento de Giorgio Agamben acaba por ser uma declaração banal de que depois da Covid-19 ter destruído tudo, os sobreviventes se encontrariam com seus amigos, tomariam um café, esperando juntos retomar a vida onde tinha parado antes. É como no romance de Ernst Jünger, onde o lutador que sobreviveu à "tempestade do aço" (da Guerra das Trincheiras durante a 1ª Guerra Mundial) encontra o espectador anestesiado (Giorgio Agamben) sobrevivendo "à tempestade do vírus", para que os dois se retirem juntos sabendo que estão vivos. Quanto à casa queimada, vamos plantar rosas nas cinzas!

O contexto do pessimismo anestésico não agradará aos utópicos, sonhadores de um amanhã encantado e paradisíaco, o idealista que espera pela sua oportunidade de impor "a nova sociedade" ou de fazer progressos (e progressismo). Para este, a épica Covid-19 designa-se como o momento propício para impor "a ideia que nos quer salvar", é o momento em que só tem de propor o "pós-Covid-19" (a angústia psicológica das pessoas joga a seu favor) como um momento mágico pronto para nos servir, se quisermos, para resolver todos os problemas que temos encobertos antes. Bruno Latour com o seu livro "*Où suis-je? Leçons du confinement à l'usage des terrestres*" entraram imediatamente em cena.

Bruno Latour chega com o aviso de que se todos querem voltar à sua antiga "normalidade" antes da Covid-19, nada é mais falso e indesejável, porque segui-lo (o que aconselhamos contra) o tempo é bastante propício para "mudar o mundo". A pandemia Covid-19 é apenas para ele um aviso de que devemos seguir um novo caminho, para nos envolvermos noutra direção, uma direção desconhecida, incerta e inexplorada, como aquela que Moisés já tinha travado. A nossa pandemia Covid-19 tem sido apenas um pequeno teste antes do grande teste, um preâmbulo insignificante para a crise real, a catástrofe, que se

anuncia diante de nós: outros vírus, abalos sísmicos, aquecimento global, calamidades ecológicas, fomes e coisas piores.

Para Bruno Latour, ciência ou tecnologia, ou razão ou lógica, é o Velho Mundo, o mundo que produz problemas e que nunca devemos confiar. No seu cenário, refazer o mundo significa repensar o mundo de forma diferente, fazê-lo com conceitos sociológicos e culturais que ele pensou por nós, e que ele nos dá e que pode (se tudo correr bem) nos salvar. Conceitos que a terra, a natureza, a ecologia prevê numa interconectividade, um interseccionalismo, e onde tudo confirma "a morte do Homem". Dos conceitos que nos obrigam a entender "sem um indivíduo", "sem sociedade", "sem racionalidade humana"; compreender no modo de uma simbiose universal entre os vivos e os não-vivos, como em Aldo Leopold; compreender mergulhando-se no conceito de "psique ecológica", como em Gregory Bateson, e em suma compreender o todo com os olhos de Gaia (a deusa pagã da Terra).

Trata-se de uma questão de compreensão em sociologia e cultura para, finalmente, não compreender nada a nível factual, científico e racional! Infelizmente, Bruno Latour acredita plenamente que a operação de conceitos sociológicos ou culturais lhe permite conhecer a realidade ou, graças a uma nova "mentalidade", ter obtido (por magia!) um efeito sobre a realidade. A verdade é que a realidade factual não se preocupa com conceitos sociológicos e culturais, e nunca dançou ao ritmo de qualquer conceito até hoje. O ardente desejo de Bruno Latour de ser um profeta obviamente prevalece sobre a razão!

Na verdade, Bruno Latour observa que a obsolescência do indivíduo, a depreciação do ser humano, não só leva a um salto na irracionalidade, como também há o caminho livre para um totalitarismo verde, para um fascismo verde. O fim é salvar a Terra de um vírus chamado humano, os meios (que a ação racional agora abomina) cedem antes de um fim que deve dominar tudo, um transcender ou eliminar para alcançar o reinado de Gaia. É uma luta entre o humano e Gaia, onde o ser humano é o mais! É o totalitarismo que está a ser introduzido.

4. BRUNO LATOUR NÃO É O ÚNICO A SONHAR COM O TOTALITARISMO VERDE

Ele não é o único a sonhar com um totalitarismo verde. Trata-se, de fato, de uma tendência política e cultural muito forte e na moda, como também é evidenciado pelo filósofo sueco Andreas Malm e pelo seu livro "*Corona, Clima, Emergência Crônica: Comunismo de Guerra no Século XXI*". É um defensor de um novo "leninismo ecológico", um leninismo ainda mais cruel e duro do que o antigo. Uma prova de que há pessoas que nunca se deixam ensinar pela história!

Para Andreas Malm, a pandemia Covid-19 não passa de uma crise ecológica disfarçada. Uma crise ecológica que o bem-pensado esconde e disfarça, a teoria da conspiração exige-a, como uma crise sanitária e epidemiológica. Para segui-lo (não recomendado), é uma crise ecológica ligada aos nossos modos de produção e consumo. Uma das principais causas do problema da infecção zoonótica, segundo ele, é o abate constante de florestas tropicais para estabelecer áreas de pastoreio e plantação. Daí as causas climáticas subjacentes às doenças zoonóticas transmitidas por animais selvagens e a própria razão para a existência da Covid-19. É evidente que a pandemia Covid-19 é apenas mais um efeito da nossa crise ecológica generalizada.

Solução! Este é o "leninismo ecológico" mencionado. Como V. I. Lênin já tinha tirado toda a liberdade e autonomia, política e individual, especialmente dos trabalhadores e dos movimentos dos trabalhadores, por nada adicionado à demolição da democracia para todos, o mesmo deve ser feito agora. O movimento ecológico segundo Andreas Malm precisa de um "leninismo ecológico", ou de um "comunismo de guerra" (bastante reforçado por J. Stalin), para trazer ao calcanhar todas as forças antiecológicas que os impedem, ou dificultam, e às suas políticas. "Leninismo ecológico", disse, é apenas uma extensão coerente do que muitos Estados já fizeram nas fases iniciais da pandemia, nomeadamente confinar as pessoas às suas casas, decidir o que é essencial e quais são os empregos essenciais que podia continuar, os quais não eram essenciais e tinham que parar, como se alimentar e com que alimentos, etc.

Segundo Andreas Malm, o controle absoluto do Estado sobre a sociedade deve tornar-se a nova norma em termos de produção, consumo, lazer, vida privada e pública, uma vez que todas estas atividades podem afetar o clima e a ecologia de uma forma ou de outra. É evidente que alguma produção e consumo não são apenas inúteis, devem ser considerados prejudiciais e resolutamente suprimidos. Do mesmo modo, temos de garantir que as cadeias de abastecimento que fluem para os nossos países não envolvam qualquer forma de desflorestação, sobrepesca, desertificação, poluição, "energia fóssil", etc. Segundo Andreas Malm, é necessário alcançar o "leninismo ecológico" mobilizando os novos instrumentos eletrónicos, inteligência artificial, *big data*, para controlar, dirigir e garantir que os indivíduos sempre façam atos adequados e ecológicos, como lhes explicou. Daí o facto da gestão política da crise da Covid-19 ter demonstrado amplamente as capacidades da inteligência artificial dos Estados modernos para gerir as pessoas e isto para além dos meios banais legislação vinculativa e punitiva, brigadas de polícia, funcionários "controladores".

Quem, no entanto, quer realmente viver num regime de fascismo ecológico? O totalitarismo descrito no romance "1984" de George Orwell será liberal em comparação com um estado totalitário que apenas gere o indivíduo como um objeto. Pode ser que Andreas Malm seja apenas um precursor de uma tendência ascendente de autoritarismo, de cesarismo, de bonapartismo, de fascismo, que já está desfigurando – primeiro intelectual, depois realmente? – os movimentos ecológicos de hoje?

Longe de nós especular se esta mensagem "leninista-fascista" inspira, mas pelo acaso, ou pelo vento disseminador, o filósofo pop esloveno Slavoj Žižek chega por sua vez com um apelo a um "comunismo de catástrofe" com uma sonoridade semelhante.

No livro "*Pandemic! COVID-19 Shakes the World*", Polity Press, 2020, ele anuncia que há algo de errado com o nosso sistema e que precisamos mudá-lo. Por quê? Porque não estávamos completamente preparados para a pandemia, a China e os países autoritários geriram melhor os efeitos para a saúde e económica da pandemia, o que prova que, segundo Žižek, é para conduzir a uma mudança radical na nossa ordem social, para estabelecer uma nova forma de "comunismo" focada na solidariedade e na interação global, um "comunismo"

baseado na confiança e na ciência. Em suma, um "comunismo" que nada tem a ver com o comunismo dos trabalhadores históricos e tudo a ver com o estatismo contemporâneo.

O novo "comunismo da catástrofe" de Slavoj Žižek é a valorização de um Estado que não só deve desempenhar um papel muito mais ativo, como deve pôr de lado todos os mecanismos de mercado. O próprio Estado deve organizar a produção de materiais essenciais, como curativos, equipamentos de teste médico e respiradores, tem de criar hotéis de isolamento e outras clínicas, deve garantir um rendimento mínimo a todos os que perderem os seus empregos; em suma, para tomar conta da vida económica e privada de todos sob uma tutela estatista (se você acredita) benevolente.

Lá onde o comunismo da catástrofe se parece terrivelmente com o velho comunismo leninista e estalinista é que, mais uma vez, é uma elite (supostamente) vanguardista e desperta ("woke") que decide a não-liberdade, o confinamento, a não-política, a não-democracia. Vigilância, controlo, para o benefício, supostamente, de todos. É um comunismo de catástrofe que rapidamente corre o risco de se revelar outra catástrofe e, acima de tudo, corre o risco de ali se instalar durante muito tempo. E se não merecíamos nada melhor do que um "catastrofismo-comunista" que rapidamente se tornará um paraíso para os inimigos do povo.

É, de facto, incompreensível observar quantos pensadores supostamente inteligentes e educados hoje em dia apoiam ideias completamente loucas e totalitárias. É como se a pandemia da Covid-19 tivesse derrubado as máscaras e que agora ideias opacas e autoritárias que teriam sido apenas para sugerir habilmente e com palavras pequenas são agora expressas sem restrições. Uma grande parte dos nossos intelectuais obviamente não respeita a democracia, a lógica e a racionalidade nos seus corações, e obviamente só sonha em ver-se no papel de um rei platónico governando sobre o topo de uma pirâmide normativa. As palavras de Jürgen Habermas que abriram o nosso artigo foram e felizmente continuam a ser o contraexemplo.

Felizmente, também não há razão para acreditar que a era pós-Covid-19 deve inevitavelmente revelar-se um pesadelo antidemocrático. Desde que não nos deixemos

seduzir por filosofias totalitárias e autoritárias, há antes a esperança de podermos retomar a vida, respirar livremente, caminhar com a cabeça erguida.

5. MICHEL HOUELLEBECQ E SCHOPENHAUER

Outro intelectual, filósofo nos tempos livres (veja o seu magnífico livro "Na presença de Schopenhauer", 2017), Michel Houellebecq, confirma isso numa carta pública "Não acredito em declarações como "nada voltará a ser o mesmo", publicado a 4 de maio de 2020. Contra a afirmação de que "nada volta a acontecer como antes", afirma lucidamente o contrário, nomeadamente que o antes e o depois se juntam, e que o único que mudou será a nossa experiência de ter passado juntos pela épica Covid-19:

“Tivemos muitas coisas sobre a peste, ao longo dos séculos, a peste tem interessado muito os escritores. Tenho dúvidas. Já não acredito nem meio segundo em declarações como "nada voltará a ser o mesmo". Pelo contrário, tudo permanecerá exatamente igual. O curso desta epidemia é até notavelmente normal. O Ocidente não é para a eternidade, por direito divino, a área mais rica e desenvolvida do mundo; acabou, tudo isto, há algum tempo, não é um primor. Se olharmos para ela, mesmo em pormenor, a França está a fazer um pouco melhor do que a Espanha e a Itália, mas pior do que a Alemanha; mais uma vez, não é uma grande surpresa.

O principal resultado do coronavírus, pelo contrário, deve ser acelerar certas mutações em curso. Durante alguns anos, todos os desenvolvimentos tecnológicos, sejam menores (vídeo a pedido, pagamento sem contato) ou grandes (teletrabalhos, compras na Internet, redes sociais) tiveram a principal consequência (como principal objetivo?) de reduzir os contatos materiais, e especialmente humanos. A epidemia de coronavírus oferece uma razão magnífica para esta tendência pesada: uma certa obsolescência que parece atingir as relações humanas. O que me faz pensar numa comparação luminosa que notei num texto anti-PMA escrito por um grupo de ativistas chamado "Os Chimpanzés do Futuro" (descobri estas pessoas na Internet; nunca disse que a Internet só tinha desvantagens). Por isso, cito-os: "Em breve, fazer as crianças, de graça e ao acaso, vai parecer tão incongruente como pedir carona sem uma plataforma web." Carpooling, colegas de quarto, temos as utopias que merecemos, vamos finalmente passar.

Seria igualmente errado dizer que redescobrimos o trágico, a morte, a finitude, etc. A tendência há mais de meio século, bem descrita por Philippe Ariès, tem sido ocultar a morte, tanto quanto possível; Bem, nunca a morte foi tão discreta como nestas últimas semanas. As pessoas morrem sozinhas nos seus quartos de hospital ou de EHPAD, são enterradas imediatamente (ou são cremadas? Mortas sem qualquer testemunho, as vítimas resumem-se a uma unidade nas estatísticas das mortes diárias, e a angústia que se espalha entre a população à medida que o aumento total tem algo estranhamente abstrato. (...)

Todas estas tendências, como disse, já existiam antes do coronavírus; eles só se manifestaram com novas evidências. Não acordaremos, depois do bloqueio, num mundo novo; será o mesmo, um pouco pior” (HOUELLEBECQ, 2020)

Sim, pode muito bem acontecer. Pela nossa felicidade, pelo nosso infortúnio também. Pode ser que tenhamos aproveitado o nosso isolamento, distanciamento, independência que o teletrabalho representou. Muitos substituíram o tradicional "metrô, trabalho, sono" ("métro, boulot, dodo") pelo mais atraente "aperitivo, refeição, descanso" ("apéro, repas, repos"). Outros gostaram dos seus casulos de intimidade e vivem-no dia após dia. Outros, mais numerosos, retiraram-se, emocionalmente, dos compromissos a longo prazo que pressupõem um mundo estável, seguro e ordenado. Neste sentido, o Covid-19 arrisca-se a curto e a longo prazo para alimentar o narcisismo pós-moderno e distanciar-nos uns dos outros. Esta será uma tendência negativa, que nos dirá sobre os tempos que ainda não são.

6. CONCLUSÃO

Longe de nós para explicar tudo o que os filósofos escrevem durante a épica Covid-19. É impossível para um indivíduo comum ter lido tudo e não nos façamos de conta. Declaremo-nos inteiramente culpados, reprováveis, em relação a tudo o que ignoramos, descartamos, e tudo o que escapa à nossa vigilância intelectual. Quando a próxima pandemia chegar, prometemos fazer melhor.

7. REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **Quando la casa brucia**. Macerata: Giometti & Antonello, 2020.

AGAMBEN, Giorgio. «**Quando la casa brucia**» (Quando a casa está em chamas). Disponível em: <https://www.quodlibet.it/giorgio-agamben-quando-la-casa-brucia>. Acesso em: 5 out. 2020.

HABERMAS, Jürgen. **La pandémie met à l'épreuve notre degré de civisme** (A pandemia está a testar o nosso nível de boa cidadania). Paris: Libération, 1 fev. 2021.

HOUELLEBECQ, Michel. **En présence de Schopenhauer** (Na presença de

Schopenhauer). Paris: Herne, 2017.

HOUELLEBECQ, Michel. **Não acredito em declarações como 'nada voltará a ser a mesma'** (a nossa tradução). Publicada originalmente a 4 de maio de 2020 em: <https://www.franceinter.fr/emissions/lettres-d-interieur/lettres-d-interieur-04-mai-2020>.

LATOURE, Bruno. **Où suis-je? Leçons du confinement à l'usage des terrestres** (Onde estou? Lições do Confinamento ao Uso da terrestre). Paris: La Découverte, 2021.

LATOURE, Bruno. **Où atterrir? Comment s'orienter en politique** (Onde pousar? Como orientar-se na política). Paris: La Découverte, 2017.

MALM, Andreas. Corona, **Climate. Chronic Emergency**: War Communism in the Twenty-First Century (Corona, Clima. Emergência Crônica: Comunismo de Guerra no Século XXI). Londres: Verso, 2020.

ŽIŽEK, Slavoj. **Pandemic! COVID-19 Shakes the World** (Pandemia! COVID-19 agita o mundo). London: Polity Press, 2020.